

A ESCRITA PALIMPSÉSTICA METAFICCIONAL EM *O PERSONAGEM ENCALHADO*

Vanessa Gomes Franca¹ (PQ)*, Edilson Alves de Souza² (PQ), Flávio Pereira Camargo (PQ)

¹UEG (Câmpus Pires do Rio), FL/UFG (CAPES), Francavg@hotmail.com.

²UEG (Câmpus Pires do Rio), FL/UFG (CNPq).

³ FL/UFG.

Nossa pesquisa tem como objetivo abordar os recursos metaficcional presentes na obra *O personagem encalhado*, da escritora mineira Angela Lago. Esta obra apresenta dois planos, a partir dos quais, utilizando-se da escrita palimpséstica metaficcional, é resenhado o processo de criação de personagens em histórias. Ao “final” do texto, dos jogos e das reflexões provocados, não se sabe quem encalhou: se a história, se o personagem ou se a “autora-narradora-personagem”, haja vista que todos se apresentam em crise. Para a elaboração deste trabalho, baseamo-nos nos estudos de: Eco (2011); Franca, Souza e Camargo (2015); Ryan-Sautour (2002); Silva (1995), Turchi (1995), dentre outros. Este trabalho integra a pesquisa “A presença de narrativas metaficcional na Literatura Infantil e Juvenil brasileira” e o projeto de extensão “Narrativas metaficcional na Literatura Infantil e Juvenil: formação de leitores críticos”, desenvolvidos na UEG, Câmpus Pires do Rio, com o apoio da PrE e PrP, respectivamente, sob a supervisão da professora Dra. Vanessa Gomes Franca. Ademais, está vinculado à pesquisa de doutorado: “Os comportamentos do leitor na recepção de obras metaficcional infantis e juvenis”, desenvolvido pelo prof. Ms. Edilson Alves de Souza, com bolsa CNPq, e a de Pós-doutorado: “O personagem escritor e a questão da narrativa metaficcional na Literatura Infantil e Juvenil brasileira”, desenvolvido pela profa. Dra. Vanessa Gomes Franca, com Bolsa PNPd/CAPES, realizados no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFG, orientados pelo Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil. Metaficção. O personagem encalhado. Angela Lago.

Introdução

A escritora mineira Angela Lago nasceu em 1945, em Belo Horizonte. Em 1980, publicou seu primeiro livro, *Sangue de Barata*. No mesmo ano, também lança *O fio do riso*. A primeira obra “total sucesso de público e de crítica [...] abre caminho para uma carreira fecunda que, neste limiar do século XXI, continua em plena expansão e consagrada, no Brasil e no exterior, com distinções e prêmios altamente significativos” (COELHO, 2006, p. 92-93).

Lago é também ilustradora e *designer*. Assim, além de ilustrar seus livros, já “ilustrou vários textos de outros escritores, sempre com seu estilo inconfundível, mostrando um desenho criativo e altamente estético que dialoga com o texto verbal, oferecendo-se a múltiplas leituras” (TURCHI, 1995, p. 84). A obra da autora pode ser dividida em duas fases. A primeira, apresenta “desenhos delicados, traços leves, contornos um pouco diluídos, tons suaves e riqueza detalhes” (SILVA, 1995, p. 97). A segunda, é marcada pela “descoberta do computador e de seus recursos na composição gráfica” (SILVA, 1995, p. 97). Tal fase se inicia na década de 1990, momento em que, acompanhando os avanços da tecnologia, abre um Atelier de Programação Visual. Desde então, a escritora/ilustradora “vem criando uma nova e sedutora arte, novos processos de ‘contar histórias’, na esteira que leva do escrito ao digital. (COELHO, 2006, p. 93, grifo da autora). É nesse novo processo de ‘contar histórias’, do escrito ao digital, que encontramos o livro *O personagem encalhado*, publicado em 1995.

Resultados e Discussão

A capa do livro *O personagem encalhado* apresenta dois planos. No primeiro, temos o nome da autora, o título da obra e o nome da editora. No segundo, sob o título do primeiro plano, há as inscrições: “O que que faço que mim”, “O personagem atolado” e “amarrado”, que estão rasuradas, cortadas, ou seja, são possíveis títulos para o livro. Além das inscrições, vemos a cabeça e o braço de um ser/personagem. Sua mão está segurando (ou ajeitando) a vogal “E” de encalhado, que está torta. Assim, primeiro e segundo planos, imbricam-se.

Figura 1 – Capa do livro *O personagem encalhado*, de Angela Lago

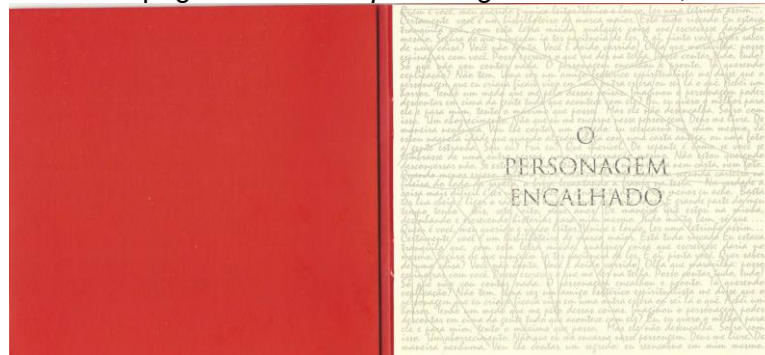


Fonte: LAGO, Angela. *O personagem encalhado*. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

Ao virarmos as páginas do livro, constatamos que ele é composto por dois planos. Em um primeiro plano, temos a história ou a não história do personagem encalhado, já que ele quer sair do livro. Em um segundo plano, vemos outra história. Esta, muitas vezes, passa despercebida do leitor desatento. Do leitor preguiçoso. Para a história que está em segundo plano é necessário um leitor único, “único e louco”, “bisbilhoteiro” – como está escrito em todas as vinte e quatro páginas da obra. Nos dois planos, a autora revela e discute o processo de criação literária, evidenciando ao leitor “a crítica textual da criação literária (*mimesis do processo*), bem como, o produto textual derivado desse questionamento do processo de escritura (*mimesis do produto*)” (FRANCA; SOUZA; CAMARGO, 2015, p. 372). Por apresentar tais características, a obra de Angela Lago é metaficcional.

Na primeira página do livro, no primeiro plano, temos o título do livro, em caixa alta, centralizado, colorido de um tom de cinza escuro (Fig. 2). Ao fundo, em segundo plano, podemos ler outro texto que, ao seu final, volta ao início e segue até completar a página, repetindo-se, com modulações, ao longo de toda a narrativa.

Figura 2 – Primeira página do livro *O personagem encalhado*, de Angela Lago



Fonte: LAGO, Angela. *O personagem encalhado*. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

A autora-narradora-personagem do texto do segundo plano, conversa com o leitor, indaga-o (“Quem é você, meu querido leitor?” / “Tá querendo explicação?”), provoca-o (“Você não conta. Você é doido varrido! Olha que maravilha: posso espinafrar com você”), ao mesmo tempo em que expõe o seu processo de escrita e as dificuldades que encontra (“Mas ele [o personagem] não desenalha. Sofro com isso. Um aborrecimento”). O leitor deverá participar ativamente da construção do texto que lê, atuando como seu coautor. Uma das instâncias do texto metaficcional/metatextual é, exatamente, a participação mais ativa do leitor. De acordo com Michelle Ryan-Sautour (2002, p. 72) Wenche

Ommundsen (1993) evidencia que “a metaficção contemporânea coloca em destaque o papel do leitor na produção do sentido, em uma relação de cooperação e de conflito com o texto”¹. Tal relação de cooperação e de conflito com o texto metaficcional acontece quando lemos *O personagem encalhado* e nos deparamos com o dissimulado jogo escritural realizado pela autora.

Como vimos, o livro de Angela Lago possui dois títulos (*O personagem encalhado* e “*O que eu faço de mim? O personagem atolado, amarrado*”), duas histórias (a de primeiro e a de segundo plano). Ademais, apresenta dois autores: a autora do livro e o leitor, que é provocado a assumir a coautoria do texto, diante da indeterminação do enredo e do personagem. Umberto Eco, ao discorrer a respeito da ironia intertextual e dos níveis de leitura, põe em evidência o leitor semântico (ingênuo), de primeiro nível, e o leitor semiótico ou estético, de segundo nível. Enquanto “o leitor de primeiro nível quer saber o que acontece, aquele de segundo nível como aquilo que acontece foi narrado” (ECO, 2011, p. 217). O leitor ingênuo, que não observa as pistas textuais e imagéticas deixadas pela autora, ao ler a narrativa do primeiro plano, pode julgá-la como a “simples” história de um personagem que quer sair do livro. Além disso, pode não notar a narrativa do segundo plano, uma vez que a “letra miúda” e clara dificulta a leitura. Já o leitor estético “se pergunta que tipo de leitor aquele [livro] pede que ele seja, e quer descobrir como procede o autor modelo que o instrui passo a passo” (ECO, 2011, p. 217). O leitor estético, ou leitor metaficcional, percebe que o texto do segundo plano não é apenas um ornamento, mas duplicação do processo de escrita.

No primeiro plano, composto por ilustração e texto, temos a narrativa de um narrador-personagem que, durante toda a trama, tenta se libertar, tenta sair da história. No segundo plano, a fonte da escrita (Mistral) que encontramos na primeira página (Fig. 2), e que se repete ao longo do livro, assemelha-se a uma letra feita à mão, cursiva. Além disso, o escrito está rabiscado, cortado. Ao nos dispormos como “bisbilhoteiros” a lermos o conteúdo, constatamos que ele simula um rascunho da escrita ficcional, ou seja, do processo de criação ou ato de autoanálise da autora sobre a criação do personagem do livro em questão. Essa sobreposição de um livro no outro, a sobreposição de uma história na outra nos remete à imagem do palimpsesto (Fig. 3).

¹ [...] la métafiction contemporaine met en relief le rôle du lecteur dans la production du sens, dans une relation de coopération et de conflit avec le texte.

Figura 3 – Codex Hierosolymitanus Sancti Sepulcri 36



Fonte: <http://www.roger-pearse.com/weblog/2016/06/21/fragments-of-euripides-palamedes-rediscovered-in-jerusalem/>

No palimpsesto, segundo Gérard Genette (1982, p. 556), “podemos ver, no mesmo pergaminho, um texto se sobrepôr a outro que ele não dissimula completamente, mas que deixa ver por transparência”.² O palimpsesto consiste, então, num pergaminho ou papiro que tem o texto primeiro apagado (por meio de raspagem ou lavagem) para dar lugar a outro. Tal técnica foi utilizada, sobretudo, na Idade Média pelos monges copistas. Apesar desse processo, ainda era possível ler/ver o texto primitivo, como podemos observar na figura que segue.

O livro de Angela Lago pode ser visto como uma escrita palimpséstica metaficcional. Assim, no segundo plano, vemos o texto primitivo. Nele, há um primeiro projeto do livro, com rascunhos e comentários sobre a criação do texto e, principalmente, do personagem. A coloração clara da escrita que se aproxima da tonalidade da página (cor creme), os rabiscos e os cortes deixam margem para pensarmos que se trata da ideia que está atrás do texto “pronto”, no primeiro plano, mais escuro. Essa cor clara dá a sensação de que o texto foi escrito e depois apagado, como observamos no palimpsesto da Fig. 3. Sobre esse primeiro projeto, temos as ilustrações do personagem e as inscrições das suas falas, coloridos com uma tonalidade de cinza mais escuro, como se tivessem sido ilustrados e escritos em cima do rascunho.

A escrita palimpséstica metaficcional de Angela Lago desvela a *mimesis do processo* e a *mimesis do produto*. O livro que está no segundo plano, com comentários, rascunhos e rabiscos, evidencia a *mimesis do processo*, por meio da

² *L'image du palimpseste, où l'on voit, sur le même parchemin, un texte se superposer à un autre qu'il ne dissimule pas tout à fait, mais qu'il laisse voir par transparence.*

qual “é revelado ao leitor, na obra literária, o processo de criação do texto literário, expondo o seu inacabamento, o seu *status* ficcional e intimando o leitor a participar desse processo como coautor” (FRANCA; SOUZA; CAMARGO, 2015, p. 372). O livro que está em primeiro plano, com a trama do personagem que tenta sair da história, mas está enalhado, revela a *mimesis do produto*, ou seja, “é realçado o produto da atividade mimética contido na narrativa” (FRANCA; SOUZA; CAMARGO, 2015, p. 372).

Na segunda e terceira páginas, visualizamos, no primeiro plano, o personagem, na realidade partes dele. Ele, que se encontra na dobra central da página do livro, parece observar curiosamente (ou receosamente) o texto que está a sua volta, colocando do lado de fora do segundo plano (ou do livro) sua cabeça e suas mãos. No segundo plano, a autora repete, praticamente, a mesma história apresentada na capa. Na segunda página, ao iniciar o texto, escreve: “Repetindo: já estou naquela idade que quando alguém chega com uma carta antiga, ou uma foto a gente estranha” (LAGO, 2006, p. 2). Ou seja, ela se utiliza do recurso da repetição, conscientemente, para provocar o leitor e, assim, saber se ele, realmente, vai ler o que está escrito.

Na quarta e quinta páginas, vemos, no primeiro plano, o personagem, que nos é apresentado desde a capa. Visualizamos somente sua cabeça e seus braços, pois ele está na dobra central da página do livro. Assim, temos a impressão de que ele sai do livro, ou do texto em segundo plano. Ainda em primeiro plano, o personagem diz: “Fui cair num livro assim...” (LAGO, 2006, p. 4). Então, interrogamo-nos: Que livro? No segundo plano, vemos a repetição do texto apresentado nas páginas anteriores.

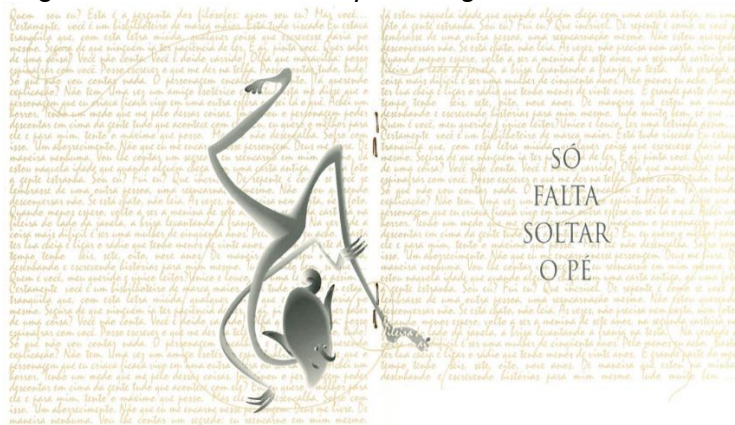
Na sexta página, o personagem apresenta a feição preocupada/desolada e segura sua cabeça. Na sétima, temos a sua fala: “O que que faço de mim?” (LAGO, 2006, p. 6). No segundo plano, além do texto, dos rabiscos e cortes, observamos um trecho da página em branco e um “jogo da velha” no canto inferior direito. Tanto o espaço em branco como o jogo da velha simulam o processo de criação da autora, das dificuldades enfrentadas para se criar um personagem, uma história. Igualmente, podem representar uma provocação ao leitor, a fim de que este saia de sua posição cômoda de somente querer “saber o que acontece”, como bem pontou Eco (2011).

Nas próximas duas páginas, é revelada a insatisfação do personagem: “Quero sair dessa história!” (LAGO, 2006, p. 8). Ele, que se encontra na dobra central do livro, segura na borda da obra e parece olhar desagradado para o texto, isto é, para os comentários em segundo plano. A partir do momento em que o personagem decide “sair dessa história!” (LAGO, 2006, p. 8), é estabelecido uma trama, um jogo palimpséstico, no qual parecem duelar os comentários em segundo plano e o personagem que, durante todo o livro, aparece, apenas parcialmente, em primeiro plano.

Nas páginas dez e onze, o personagem está quase conseguindo sair da história, só falta uma das pernas, por isso diz: “E vou saindo... Vitória!” (LAGO, 2006, p. 10). Na imagem é nítida a expressão de contentamento do personagem. Observamos que, sob a palavra “Vitória”, há um grupo de cinco traços paralelos horizontais ondulados, formando um *pentagrama*, comum em partituras musicais, sobre o qual está inscrita a clave de Sol. O símbolo musical se liga à palavra e à aparente situação de sucesso na tentativa de libertação da história por parte do personagem, como se ele estivesse “cantando vitória”. No segundo plano, a autora faz pequenas alterações no texto. Na página dez, por exemplo, ela inicia: “É. Estou repetindo” (LAGO, 2006, p. 10). Na onze, “Qual o problema? A gente se repete mesmo” (LAGO, 2006, p. 11); “Quando menos espero... **esqueci o que eu ia lhe contar... Mas não importa, você já deve saber de cor. Ou não?**” (LAGO, 2006, p. 11, grifo nosso). A autora, além de desafiar o leitor, mostra-se consciente do seu processo de escrita, da sua intencionalidade.

Nas páginas doze e treze (Fig. 4), verificamos o progresso do personagem encajado na busca de sair da história, uma vez que “Só falta soltar o pé” (LAGO, 2006, p. 13), como ele mesmo disse. A expressão de regozijo revela a boa expectativa de realizar seu intento. Na ilustração dessas páginas, o personagem tem boa parte do corpo fora da história, porém o pé ainda está preso. Notamos que o pé está preso em um dos rabiscos das inscrições em segundo plano. O pé está *sob* o escrito em segundo plano e o rabisco de uma linha parece lacear o pé que o personagem pretende soltar. Além disso, o grampo da dobra do livro prende a perna do personagem. No segundo plano, a autora questiona: “Quem sou eu? Esta é a pergunta dos filósofos? quem sou eu? Mas você... certamente, você é um bisbilhoteiro de marca maior (LAGO, 2006, p. 12). Assim, verificamos que a autora questiona a si mesmo e tal indagação revela, de certo modo, a crise de autoria.

Figura 4 – Páginas 12 e 13 do livro *O personagem encalhado*, de Angela Lago.



Fonte: LAGO, Angela. *O personagem encalhado*. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

Nas páginas seguintes, quatorze e quinze, o personagem consegue desprender o pé. O momento da “soltura” é evidenciado pela expressão “Soltei” (LAGO, 2006, p. 14), mas, a imagem que aparece é a do personagem ainda preso pela cabeça, daí ele falar: “Mas como é que é?” (LAGO, 2006, p. 14). Verificamos que, em um momento, que não é explicitado ao leitor, mas, deduzido com base na maneira como a ilustração está disposta, o personagem se solta e fica preso de novo à dobra central do livro. Observamos que parte do escrito que estava em segundo plano passar para o primeiro, ficando sobre parte das pernas do personagem como se estivesse o prendendo.

Essas constantes “idas e vindas” do primeiro para o segundo plano de *O personagem encalhado*, revela o jogo palimpséstico, em que uma escrita sobrepõe a outra, desvelando a metaficcionalidade. O leitor é posto diante dessa dialética em que disputam o personagem e os comentários de sua possível autora sobre a história que está se desenrolando. Assim, ao leitor é exposto o ambiente (conturbado) em que ocorre o processo de criação do personagem.

Nas páginas dezesseis e dezessete, o personagem continua na mesma situação, com a cabeça presa: “Agora estou sem cabeça!” (LAGO, 2006, p. 16). A imagem mostra a resistência dele em não permanecer naquela situação, e, por isso, ele tenta se desvencilhar, mais uma vez, daquela história. Nas páginas dezoito e dezenove, ainda com a cabeça presa no livro, o personagem parece desistir do empreendimento de sair da história e despede do seu leitor: “Adeus...” (LAGO, 2006, p. 18). As suas pernas estão, visivelmente, entremeadas entre os rabiscos do segundo plano, que se alternam para o primeiro, deixando, mais uma vez, a

sensação de que prendem o personagem naquela história. No segundo plano, a autora escreve: “Quem sou eu, meu querido e único leitor? Sou uma louca varrida, feito você” (LAGO, 2006, p. 19). A autora, novamente, interroga sobre a questão da autoria e do leitor. Estes devem ser “loucos varridos” para escrever e ler a história, respectivamente.

Nas páginas vinte e vinte e um, o personagem, de joelho, com a cabeça ainda não visível, faz um pedido: “Por favor...” (LAGO, 2006, p. 20), que é complementado nas vinte e duas e vinte e três: “Me esqueça!!!” (LAGO, 2006, p. 22), agora, não mais de joelhos, mas, correndo, como se estivesse fugindo (do leitor). Depois da súplica, pedindo que o leitor o esquecesse, podemos observar que, na última imagem, o personagem não mais se encontra em primeiro plano, mas em segundo, uma vez que são perceptíveis as inscrições sobre seu corpo. No segundo plano, a autora-narradora-personagem, indaga o leitor: “Não me diga que você continua lendo? Você é doido varrido mesmo! Repetindo: Adoro espinafrar com você! Escrever o que me der na telha. Só que não vou contar nada” (LAGO, 2006, p. 22). O trecho mostra que o leitor que lê tal narrativa, não é comum. Ele é bisbilhoteiro, estético. Ele não ignora as reflexões críticas do texto. Ao contrário, ele se envolve com a leitura, tentando descobrir “como aquilo que acontece foi narrado”, retomando Eco (2011, p. 217).

Com o amalgamento do personagem ao texto, parece ter se findado a disputa entre primeiro e segundo planos, evidenciada pelo jogo palimpséstico.

Considerações Finais

O personagem encalhado, em seus dois planos, utilizando-se da escrita palimpséstica metaficcional, parece, através da situação do encalhamento, resenhar o processo de criação de personagens em histórias. Isto é, ela mimetiza a luta (de escritores) para que o personagem venha à luz diante do enredo e do projeto estético criado para o livro. Um personagem que encalha faz a história encalhar também. Por isso, o texto analisado deixa a sensação de incompletude. Talvez, seja mais uma reflexão sobre o fazer ficcional que evidencia que terminar o livro não quer dizer terminar a história e sinaliza sobre a necessidade de um leitor com a consciência do ato de *significar* o texto a partir da leitura.

Se considerarmos que o enredo presente em *O personagem encalhado* traz uma discussão crítica sobre a própria obra (aspecto metaficcional), pode-se também asseverar que a história traz uma representação da presença oscilada do personagem (principal) em uma narrativa. Como se sabe, a atuação dos personagens pode variar conforme a trama da história. O personagem de Angela Lago, por meio de “idas” e “vindas” de sua ilustração, ora possui uma presença (conjunto de ações que o caracterizam na história) mais pungente, ora mais retraída. Essa oscilação representa tanto sua composição como personagem como um recurso retórico de organização da estrutura da história e do personagem, o que a literatura metaficcional e, no presente caso, revela uma face marcante da obra de Lago.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In: _____. **Ensaaios sobre de literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: bestBolso, 2011.

FRANCA, Vanessa Gomes; SOUZA, Edilson Alves de; CAMARGO, Flávio Pereira. A mimesis do processo e a mimesis do produto em *O problema do Clóvis*, de Eva Furnari, e *Um homem no sótão*, de Ricardo Azevedo. **Via Litterae**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 367-390, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/viewFile/4801/3182>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

LAGO, Angela. **O personagem encalhado**. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

RYAN-SAUTOUR, Michele. La métfiction postmoderne. In: **MÉTATEXTUALITÉ ET MÉTAFICTION**. Théorie et analyses. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002, p. 69-78.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Do lirismo à denúncia social: outra vez e cena de rua. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; TURCHI, Maria Zaira; _____. **Literatura infanto-juvenil**: prosa e poesia. Goiânia: UFG, 1995. p. 97-101.

TURCHI, Maria Zaira. Seguindo o fio do riso em Angela Lago. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; _____. SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infanto-juvenil**: prosa e poesia. Goiânia: UFG, 1995. p. 83-96.